

**O TURISMO DE PESCA E A CONSERVAÇÃO DOS PATRIMÔNIOS
NATURAL E CULTURAL DA COMUNIDADE DO SÃO JOSÉ DO
PARANÁ DO ESPÍRITO SANTO DE CIMA NO MUNICÍPIO DE
PARINTINS/AM**

**FISHING TOURISM AND THE CONSERVATION OF THE NATURAL AND
CULTURAL HERITAGE OF THE SÃO JOSÉ DO PARANÁ COMMUNITY IN
ESPÍRITO SANTO DE CIMA, IN THE MUNICIPALITY OF
PARINTINS/AM**

Fátima Garcia Cunha¹

Edinelza Macedo Ribeiro²

Resumo: Na perspectiva de compreender que um território pode possuir um enorme potencial em produtos culturais, sem que estes adquiram uma forma de recursos culturais aptos à sua promoção por parte dos promotores turísticos e ao seu uso por parte dos visitantes que possuem interesses culturais, destaca-se a importância da valorização dos recursos existentes. Nesse contexto, o turismo de pesca tem sido uma das segmentações do turismo que vem ganhando força. O presente artigo tem como objetivo mostrar o potencial da comunidade de São José do Paraná do Espírito Santo de Cima como forma de promover o turismo de pesca e a conservação dos patrimônios natural e cultural. A referida comunidade está localizada na zona rural do município de Parintins e enquadra-se na Área de Proteção Ambiental Nhamundá. Esta é uma unidade de conservação ambiental que visa à proteção do patrimônio natural e cultural. A comunidade possui duas tipologias de ecossistemas, sendo uma de terra firme e outra de área de várzea. A pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa. De

1 Pós-graduanda em Turismo e Desenvolvimento Local pela Universidade do Estado do Amazonas –CESP-UEA

2 Adjunta pela Universidade do Estado do Amazonas –CESP-UEA

acordo com Minayo (2001), esse tipo de pesquisa trabalha com o universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais aprofundado sobre as relações, os processos e os fenômenos, contribuindo para a operacionalização das variáveis. Com a obtenção de êxito nos resultados da pesquisa, ao mostrar o potencial da comunidade como forma de promover o turismo de pesca e a conservação dos patrimônios natural e cultural, foi possível identificar atrativos em potencial, como a existência de condições favoráveis ao turismo de pesca, devido à diversidade de peixes existentes na localidade. A comunidade também participa do Projeto Pé-de-Pincha. A região conta, ainda, com uma diversidade de pássaros e com os saberes tradicionais da comunidade, que constituem uma importante fonte de riqueza cultural. A partir dessa identificação, foi possível descrever os atrativos e realizar a análise e a discussão das potencialidades da comunidade. Constatou-se a existência de potencial turístico; no entanto, para que a atividade seja desenvolvida, é necessária a organização da comunidade, especialmente no que se refere à sua estruturação e à capacitação para a prestação de serviços turísticos.

Palavras chave: Turismo de Pesca; Patrimônio Natural; Patrimônio Cultural

Abstract: From the perspective of understanding that a territory can possess enormous potential in cultural products, without these acquiring a form of cultural resources suitable for promotion by tourism promoters and use by visitors with cultural interests, the importance of valuing existing resources is highlighted. In this context, fishing tourism has been one of the tourism segments gaining strength. This article aims to show the potential of the São José do Paraná do Espírito Santo de Cima community as a way to promote fishing tourism and the conservation of natural and cultural heritage. This community is located in the rural area of the municipality of Parintins and falls within the Nhamundá Environmental Protection Area. This is an environmental conservation unit that aims to protect natural and cultural heritage. The community has two types of ecosystems, one of terra firme and the other of floodplain area. The research is characterized as qualitative in nature. According to

Minayo (2001), this type of research works with the universe of meanings, motives, beliefs, values, and attitudes, which corresponds to a more in-depth understanding of relationships, processes, and phenomena, contributing to the operationalization of variables. With the successful results of the research, demonstrating the community's potential for promoting fishing tourism and the conservation of natural and cultural heritage, it was possible to identify potential attractions, such as the existence of favorable conditions for fishing tourism due to the diversity of fish in the area. The community also participates in the Pé-de-Pincha Project. The region also boasts a diversity of birds and the community's traditional knowledge, which constitute an important source of cultural richness. From this identification, it was possible to describe the attractions and analyze and discuss the community's potential. The existence of tourism potential was confirmed; however, for the activity to be developed, community organization is necessary, especially regarding its structure and capacity building for providing tourism services.

Keywords: Fishing tourism; Natural heritage; Cultural heritage.

Introdução

Nos últimos anos, a pesca passou a ser utilizada como meio de obtenção de alimento e também como prática esportiva direcionada ao turismo e lazer, bem como geração de renda para as regiões que desenvolvem essa atividade.

No Brasil, ao levar-se em consideração sua dimensão territorial, costeira e hídrica e a diversidade da ictiofauna existente, a pesca e o turismo são duas vocações existentes que podem ser potencializadas se trabalhadas conjuntamente, como afirma o Ministério do turismo (2010). Para a prática da pesca esportiva a região Amazônica é bastante propícia para tal atividade.

Sendo o Amazonas um dos maiores estados do Brasil e apresentando uma vasta diversidade biológica, tanto na área de terra firme como de várzea. As regiões de várzea apresentam um ambiente

rico em espécies de peixes em razão da subida e descida das águas e de outros fatores que favorecem o aumento deles. Desse modo a pesca é uma importante atividade no cotidiano das populações ribeirinhas do Amazonas.

Como é o caso do município de Barcelos, localizado no interior do Amazonas, que é apontado pelo Ministério do Turismo (2010) como Destino Referência em Turismo de Pesca Esportiva. Neste, todos os anos, milhares de pescadores lotam hotéis de selva, acampamentos e barcos-hotéis durante a temporada de pesca, que vai de setembro a março, movimentando assim a economia em aproximadamente US\$ 5 milhões por ano, o que representa 10% do PIB do Município de Barcelos, e ainda preservando a flora e fauna local. (HOLLEY et al., 2008, APUD BARROCO e FREITAS, 2014).

Dentre as viagens realizadas pelos turistas no país, a beleza natural e a natureza possuem um importante papel, tendo uma relação muito próxima com o turismo de pesca, já que as atividades são realizadas ao ar livre. Assim apresenta-se no entorno do turismo de pesca, a importância dos atrativos naturais e culturais do local, como elementos contributivos do desenvolvimento da pesca esportiva.

Nesse sentido, ressalta-se também valorização da conservação do patrimônio natural e cultural. Estes podem ser entendidos como: riqueza natural a fauna e flora existente, e riqueza cultural todo o fazer humano, incluindo os bens materiais e os bens imateriais e que representa a cultura das classes mais abastadas e também a cultura dos menos favorecidos.

Nesse contexto, verificasse a importância de se realizar um estudo sobre o potencial turístico da comunidade São José do Paraná do Espírito Santo de Cima, pertencente ao município de Parintins, pois acredita-se que esta pode conter potencial tanto para o turismo de pesca como para a conservação do patrimônio natural e cultural, ao mesmo tempo que promove o desenvolvimento local.

Haja vista, em algumas regiões, o turismo de pesca esportiva é uma alternativa para o desenvolvimento das mesmas, e aliado as práticas de conservação do patrimônio natural e cultura das localidades, há uma contribuição maior para sustentabilidade da região.

Para tanto, o objetivo geral deste trabalho consistiu em mostrar o potencial existente na

flora e na fauna na comunidade do São José do Paraná do Espírito Santo de Cima como forma de promover o turismo de pesca e a conservação dos patrimônios natural e cultural. Afim de se realizar um levantamento sobre a possibilidade do desenvolvimento do turismo de pesca e a conservação do riqueza natural e cultura da localidade. Neste sentido, este artigo aborda a seguinte problemática: Existe potencial para o desenvolvimento do turismo de pesca e a conservação do patrimônio natural e cultural na Comunidade do Paraná do Espírito de Cima?

Para responder este questionamento, elegeu-se os seguintes objetivos específicos como norteadores desta pesquisa: identificar o potencial da comunidade do Paraná do Espírito Santo de Cima para o turismo de pesca e conservação de patrimônio natural e cultural; descrever as potencialidades da comunidade do Paraná do Espírito Santo de Cima para o turismo de pesca e conservação de patrimônio natural e cultural; e analisar e discutir, se a comunidade detém condições de praticar o turismo de pesca e a conservação do patrimônio natural e cultural.

Este artigo apresenta além da introdução, materiais e métodos, a discussão dos resultados da pesquisa e por fim, as considerações finais.

Materiais e métodos

Objetivando mostrar o potencial existente na flora e na fauna na comunidade do São José do Paraná do Espírito Santo de Cima como forma de promover o turismo de pesca e a conservação dos patrimônios natural e cultural.

O presente artigo iniciou-se com pesquisas exploratórias e leituras, para a coleta de material suficiente que embasasse o conteúdo do trabalho, onde propõe-se estudar a comunidade do São José do Paraná do espírito Santo de Cima e o seu potencial para o turismo de pesca e conservação do patrimônio natural e cultural. Para tanto possui o método de abordagem dedutivo.

Utilizando-se da pesquisa bibliográfica, para melhor abordar e explorar o tema da pesquisa. Fazendo uso das literaturas e diversos conteúdos que discorram sobre o turismo de pesca, pesca

esportiva, conservação do patrimônio natural, patrimônio cultural, e turismo de base comunitária. Uma vez que por meio da pesquisa bibliográfica recorreu-se a pesquisa de livros, artigos e todo material acessível que for necessário. (Vergara, 2009).

Adota-se no desenvolvimento desta pesquisa os conceitos de turismo de pesca e pesca esportiva adotados pelo Ministério do Turismo do Brasil, onde este define primeiramente que a pesca vem a ser toda operação, ação ou ato tendente a extrair, colher, apanhar, apreender ou capturar recursos pesqueiros, para depois realizar sua inserção como atividade turística, sendo abordada neste artigo as atividades turísticas decorrentes da prática da pesca amadora. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

Em relação conservação do patrimônio natural, patrimônio cultural, e turismo de base comunitária, será empregada a abordagem de Reinaldo Dias (2006; 2005), como autor basilar. Nesse sentido, no tocante riqueza natural e cultural, Dias (2006, p.69) cita o exposto pelo Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001), o qual adota o significado, atualmente ampliado, da palavra patrimônio, expondo que esta identifica “bem ou conjunto de bens naturais ou culturais de importância reconhecida num determinado lugar, região, país ou mesmo para humanidade, que passam por um processo de tombamento para que sejam protegidos e preservados”.

E acerca do turismo de base comunitária, utiliza-se a definição de Pimentel (2010, p. 239), o qual contribui afirmando que:

O turismo de base comunitária, portanto, tende a ser aquele tipo de turismo que, em tese, favorece a coesão e o laço social e o sentido coletivo de vida em sociedade, e que por esta via, promove a qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento [...] representa, portanto, a interpretação “local” do turismo, frente às projeções de demandas e de cenários do grupo social do destino, tendo como pano de fundo a dinâmica do mundo globalizado, mas não as imposições da globalização.

Diante da definição de conceitos deste artigo, adotou-se a pesquisa de campo para levantamento de dados sobre o potencial para o desenvolvimento do turismo de pesca na comunidade, e também a verificação de demais potencialidades que poderiam vir a ser explorados no local, como

instrumentos de pesquisa fez-se uso da entrevista semiestruturada com os comunitários da localidade, e a observação não participante. Neste tipo de observação o observador não se envolve com o objeto pesquisado, esta é um instrumento básico de coleta de dados, não requer uso de métodos e técnicas estatísticas, o ambiente natural é a fonte de coleta de dados.(GIL, 2008).

A coleta de dados ocorreu no âmbito da comunidade do São José do Paraná do Espírito Santo, optou-se assim na escolha dos entrevistados por acessibilidade, onde privilegiou-se para entrevista os pescadores da comunidade que estavam próximos no dia da visita à comunidade. De acordo com Vergara (2009, p.47), essa técnica de escolha de entrevistados “está longe de qualquer procedimento estatístico, seleciona-se elementos pela facilidade de acesso a eles”.

No tratamento dos dados utilizou-se a análise de conteúdo, na interpretação das informações transmitidas pelos entrevistados tanto na entrevista como na observação. Conforme Labes (1998,) a análise e interpretação dos dados consiste na capacidade raciocinativa e técnica do pesquisador, representada pela capacidade de encadear informes, estruturar informações, estabelecer correlações e averiguações baseados no levantamento possibilitando conhecimento de fatos, situações e outras relações existentes na pesquisa.

Foram entrevistados 10 pescadores. Além da entrevista com 02 presidentes de associações pesqueiras de Parintins a ASPARPIN e a SINDPESCA. Com a pesquisa obteve-se os seguintes resultados:

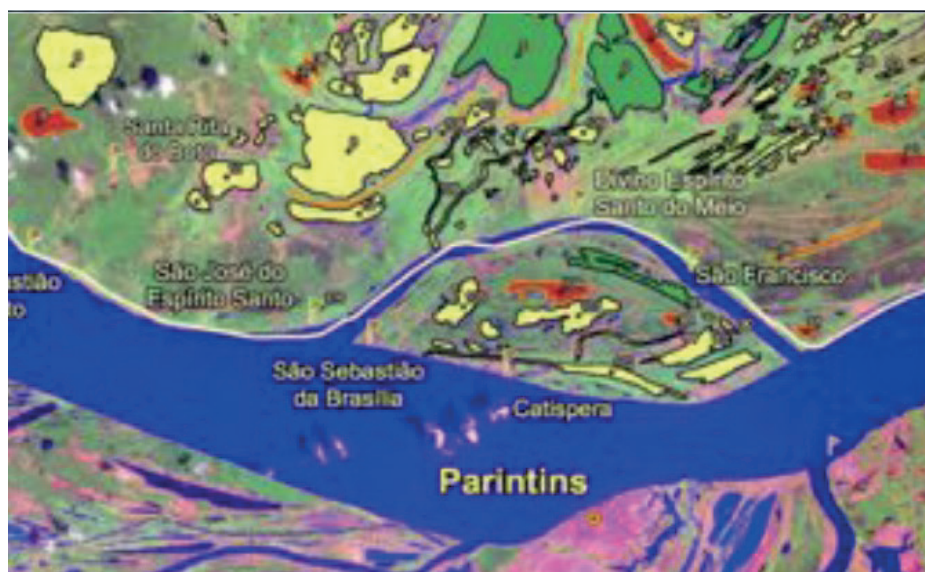
No que concerne a idade dos pescadores entrevistados, esta varia entre os 22 e os 58 anos de idade, sendo que a maioria ainda não é afiliada a nenhuma associação pesqueira do município. Todavia existe na comunidade um total de 69 pescadores e aproximadamente 35 famílias. Dentre os entrevistados 80% é homem e 20% destes são mulheres, sendo apenas 10% delas são associadas. A partir da entrevista verificou que estas realizam a pesca juntamente com seus companheiros, uma vez que estas dizem ser preferível acompanhá-los para não terem que ficar sozinhas em casa, garantindo assim sua subsistência no ambiente que vivem.

Caracterização e contextualização da área de estudo

Localizada na zona rural do município de Parintins, e pertencente a Área de Proteção Ambiental Nhamundá (APA-Nhamundá), área que de acordo com o Decreto 12.836/1990 possui uma área de 195.900 hectares, sendo 85% várzea e 15% terra firme, a região do Paraná do Espírito Santo possui uma extensão que compreende três localidades: São José do Paraná do Espírito Santo de Cima, Divino Espírito Santo do Paraná do Espírito Santo do Meio e São Francisco do Paraná do Espírito Santo de Baixo, estas no geral apresentam características semelhantes em relação a fauna e flora.

Para o presente artigo envolverá apenas a Comunidade do São José do Paraná do Espírito Santo de Cima, na figura 01 é possível ver sua localização.

Figura 1: Acordo de Pesca Macuricanã - APA Nhamundá.



Fonte: CEUC (2013).

Nesta área a população é composta por ribeirinhos, em uma média de 35 famílias, que em geral, vivem da pesca artesanal e da agricultura como forma de subsistência.

No entanto quanto a seus aspectos naturais na localidade existem alguns lagos que são mais

visitados pelos comunitários, principalmente no tempo da estiagem que são o Lago Grande e o Lago da Ressaca, sendo estes um pouco distante da comunidade e de difícil acesso, uma vez que para chegar neles precisa-se caminhar por algumas horas a pé, como observa-se na figura 3. Todavia a exuberância de peixes nestes é admirável, onde são pescados diversas espécies de peixe, pode-se citar como exemplo o bodó (*Liposarcus pardalis*), tucunaré (*Cichla spp*), curimatá (*prochilodus nigricans*) e peixe liso e outros.

Figura 2: Apetrechos de pesca.



Fonte: Fátima Cunha, 2013.

Figura 3: Pescador artesanal.



Fonte: Fátima Cunha, 2013.

No período da estiagem existe também atividade agrícola em razão do solo que resultante da deposição de sedimentos no período da cheia que o tornam ricos em nutrientes adequados para o plantio de diversas espécies vegetais de ciclo curtos e médios como: juta, malva, jerimum, milho, melancia e feijão, como observa-se nas figuras 4 e 5.

Figura 4: Plantação flutuante de cheiro-verde.



Fonte: Fátima Cunha, 2013

Figura 5: Plantação flutuante de maracujá e banana.



Fonte: Fátima Cunha, 2013.

O amplo envolvimento familiar caracteriza a pesca como uma atividade de lazer/trabalho e ressalta sua importância no contexto sócio-econômico-cultural das sociedades ribeirinhas da Amazônia, possibilitando a contínua transferência do conhecimento empírico dos adultos para os mais jovens da comunidade. Todo o conhecimento de pesca é passado de pai para filho, de modo que cada família tem uma artimanha de pesca que só é revelada para os filhos durante a pescaria.

O transporte utilizado pela maioria dos pescadores são canoas com rabetas, bajaranas e barcos de pequeno porte. Uma vez que alguns pescadores ajudam os outros a pescar, utilizando os diferentes tipos de embarcação para chegar aos lugares, como lagos que possuem mais quantidade de peixe e que é de difícil acesso.

Observou-se que a maioria das pessoas da comunidade é adulta. Havendo bem poucas crianças na localidade. É para tanto que a escola que atende as crianças possui poucos alunos, de modo que ela é agregada de ensino infantil a ensino fundamental, chegando até o ensino médio mediado por tecnologia. Muitos pescadores foram alunos da escola, porém não prosseguindo seus estudos.

As principais formas de comercialização do pescado da comunidade são a realizada por atravessadores e a venda aos próprios consumidores da localidade. Onde a maioria dos pescadores vende o pescado para os atravessadores ou consomem eles independentemente do tamanho ou da espécie, uma vez que a pesca é também para o consumo da família, pois tira-se uma parte para o consumo da casa e o restante se vende para pagar as despesas.

Além dos peixes, existe na comunidade uma grande quantidade de quelônios, que devido serem muito apreciados pelo paladar dos ribeirinhos, são muito procurados por compradores, que vão diretamente à casa dos pescadores para obter o produto.

É desenvolvido na comunidade local o Projeto Pé-de-pincha, os vigilantes fazem as observações para ninguém mexer nas covinhas onde os ovos estão depositados. A comunidade trabalha desde de meados de 2008 com o projeto nas terras de dona Aldendanielza Maia, esta que já fazia a soltura por conta própria, atualmente foram soltados 800 filhotes dos quelônios, o qual os

comunitários são os próprios vigilantes.

Através desse projeto já foi implantado um novo projeto junto aos alunos da comunidade com dança a do Capitari e o Kaiamucua que trata-se (do macho e da fêmea) dos quelônios. Além da desova dos quelônios há ainda a desova dos pássaros, que transformam o local em um grande berçário e observatório de pássaros. A comunidade é uma área que recebe a vistoria do IBMA. Conta com um histórico de luta pela preservação das espécies existentes na comunidade, é realizado o Festival do Peixe Liso, e a prática do artesanato.

Resultados e discussões

De acordo com a pesquisa identificou-se como potencial turístico na Comunidade do São José do Paraná do Espírito Santo de Cima, primeiramente no que se refere ao turismo de pesca, a comunidade apresenta uma grande diversidade de espécies de peixes, na qual a SDS³ (2008) aponta como sendo “os peixes de maior valor comercial, como o tambaqui, jaraqui, curimatá, pacú, matrinxã e pirapitinga são abundantes na área, a área é aberta à exploração sustentável da floresta nativa, à visitação turística, e pesquisas científicas”. (Vicente e AZEVEDO FILHO, 2011, p.19-20).

Essa diversidade de peixes pode ser aproveitada para a pratica da pesca esportiva. Este tipo de pesca que no Brasil “é praticada em rios como na Amazônia que detêm grande parte da maior bacia hidrográfica do mundo composta por diversos rios, igarapés e lagoas (HOLLEY et al., 2008; REISS et al., 2012) e no pantanal (SHRESTHA et al., 2002)”. (ALBANO E VASCONCELOS, 2013, p. 78).

A pesca esportiva teve seu início a partir do início dos anos 90, o conceito e a prática da pesca amadora com o passar dos anos sofreram profundas transformações. A sensibilização da população mundial para questões relativas ao meio ambiente e aos recursos naturais foram postas em discussão. Com isso, a necessidade de uma exploração mais racional e sustentável de todo e qualquer tipo desses recursos ficou evidente. Nesse sentido, a pesca amadora – como denominada pelo Programa Nacional

3 Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável.

de Desenvolvimento da Pesca Amadora (PNDPA) – é uma atividade que permite conciliar o ganho econômico, através do Turismo da Pesca, explorando somente alguns recursos pesqueiros típicos de cada região, com poucos reflexos sobre o meio ambiente como um todo, desde que praticada com ética e bom senso. A pesca amadora é uma atividade turística alternativa, complementar, capaz de gerar desenvolvimento em áreas remotas, e que pode substituir atividades econômicas que degradam o meio ambiente. (BRASIL, 2010, p.13).

Atividade esta que na região Amazônica, é propícia em muitas comunidades, onde a pesca é realizada na área de várzea havendo uma riqueza de peixes nessas áreas. De acordo com um comunitário entrevistado:

Este tipo de pesca já vem sendo desenvolvida, na comunidade do São José do Paraná do Espírito Santo de Cima, sendo conhecida como a pesca do peixe liso, é um campeonato com premiação pra quem captura o maior peixe, tendo como alvo principal o surubim ou pintado, como e conhecido pelos sulistas, atraindo uma grande quantia de participantes usando apenas carretilha, na captura do pescado. (Comunitário 1, Pesquisa de campo/2014).

Verifica-se na comunidade que a prática da pesca esportiva já é adotada por meio da realização de um evento. No entanto ao se abordar esta atividade voltada a prática do turismo na comunidade, deve-se observar a questão da sazonalidade que a região apresenta em decorrência desta pertencer a uma área de várzea. Como discorre Meggers, (1997 apud Fraxe 2000, p.46), esta:

Não é um paraíso perfeito. Há intervalos imprevisíveis, o rio sobe dois metros ou mais acima do normal, acarretando uma súbita diminuição do suprimento alimentar que teria consequências traumáticas numa população que fosse dependente de condições mais favoráveis para a sua subsistência.

Desta maneira, como afirma Fraxe (2000), a várzea é uma região sujeita, parcial ou totalmente às inundações anuais e o ciclo das atividades de subsistência não dependem, como na terra firme, da alternância das estações seca e chuvosa, mas sim do regime fluvial, que determina a sazonalidade

local.

Valente e Azevedo Filho (2011, p.18) legitimam o abordado por Fraxe e Meggers, ao mencionarem SDS (2008), este que afirma que a várzea, o mais rico ecossistema da bacia Amazônica, predominante nesta área, sua paisagem sobressai sob duas formas, uma representada pelas restingas, igarapés, furos e lagos, e a outra forma acontece pela presença de área inundadas, mesmo no período de estiagem, chamados de lagos e baixo, rico em espécies aquáticas formando o conhecido complexo Macuricanã.

Para tanto ao se realizar uma proposição de atividade turística na comunidade, deve-se dar atenção a essa sazonalidade, haja vista que será necessário a determinação do período em que a pesca esportiva deverá ser realizada na região. Ressaltando-se então a afirmação do Ministério do Turismo (2010), onde este diz que oturismo de pesca por si só é capaz de atrair turistas do mundo inteiro, no entanto há de se agregar outros atrativos e outras opções de produtos (sem perder a essência, a prática da pesca amadora).

Nesse sentido, em relação a conservação da fauna e flora da Comunidade do São José do Paraná do Espírito Santo de Cima, constatou-se no concernente aos aspectos naturais que esta está localizada em uma região de planície fluviolacustre, formadas pelo rio Nhamundá e Amazonas. Sua vegetação é predominante de Floresta Ombrófila densa, fortemente influenciada pelo regime de inundação dos rios. As espécies da flora local apresentam adaptações que permitem suportar meses de alagamento e /ou submersão, ressalta-se ainda um conjunto de lagos de rara beleza denominado Complexo do Macuricanã. (VALENTE E AZEVEDO FILHO, 2011).

Ruschmann (2005, p. 27), apresenta quena conservação do patrimônio natural e sua relação com o turismo:

o turismo nos espaços naturais não é apenas modismo de uma época e a opinião pública tem se conscientizado, cada vez mais, da necessidade de proteger o meio ambiente. Se pelo lado da demanda a motivação “contato com a natureza” se torna cada vez mais intensa, a natureza intacta e protegida passa a ser um argumento comercial importante. Assim, o turismo de qualidade pode tornar-se economicamente viável, desde que associado a proteção dos

espaços naturais e à excelência dos serviços e equipamentos oferecidos aos clientes.

Em se tratando da conservação cultural, enfoca-se os costumes e saberes que os moradores da comunidade possuem, em se tratando da fauna e flora local, bem como suas tradições, o que difere a comunidade das demais, fazendo destes elementos seu patrimônio cultural. De acordo com Dias (2006, p.47), “o patrimônio cultural, seja de que tipo for – [...] –, constitui recurso econômico, passível de ser utilizado pelo turismo como ferramenta para o desenvolvimento”. Este mesmo autor assegura que o patrimônio cultural simboliza a identidade cultural de uma comunidade, seja qual for sua dimensão: local, regional ou nacional. Este é a expressão mais explícita da identidade de uma comunidade.

Diante desse contexto, em termos de atrativos turísticos é perceptível que a Comunidade do São José do Paraná do Espírito Santo de Cima possui atrativos em potencial para o turismo de pesca e conservação do patrimônio natural e cultural. De acordo com o relato de um comunitário:

A comunidade apresenta um grande potencial para pesca esportiva, de modo que há uma grande diversidade de lagos na região. A pesca artesanal com uso de caniços e isca seria um ótimo atrativo para o turista que deseja repousar num local tranquilo, bonito e exótico. (Comunitário 2, Pesquisa de campo/2014).

No entanto, para ser um local turístico há de se levar em consideração a necessidade de estruturação e capacitação da comunidade para recepção de turistas, e também para suas atividades rotineiras haja vista o trabalho dos comunitários estarem relacionados a pesca artesanal e a agricultura. Como apresenta o discorrido por um comunitário:

Muitas dificuldades são encontradas para realizar a pesca artesanal. Por ser uma atividade irregular, esse trabalhador possui pouco controle sobre ela, e ainda depende diretamente da natureza e seus ciclos. Seus conhecimentos, também, são tidos como inferior por terem sido adquiridos fora dos padrões de formação institucional da sociedade. Em razão de muitos terem baixo nível

de escolaridade os vinculando ainda mais à atividade de pesca. (Comunitário 3, Pesquisa de campo/2014).

Como o conhecimento sobre a pesca é familiar, o conhecimento empírico dos comunitários, apesar de básicos, também possuem sua relevância como afirma Furtado (1990), ao atribuir ao pescador artesanal, o papel de profundo conhecedor das técnicas de manejo adequadas para preservação do ambiente em que vive. De certa forma contrapondo esta afirmação está a questão da qualificação profissional para o desenvolvimento do turismo, conforme o Ministério do Turismo (2007), para que a atividade seja desenvolvida é necessário que haja qualificação de novo produto turístico, devendo ser fomentada e valorizada a produção associada ao turismo, possibilitando o desenvolvimento de atributos que fortaleçam os aspectos naturais, culturais e sociais dos destinos turísticos.

Outro relato de dificuldade relatada por um dos comunitários entrevistados está relacionada a pesca ilegal, onde este afirma que:

Algumas vezes ocorre denúncia para o IBAMA sobre a pesca ilegal de peixes que estão no defeso, assim são realizadas apreensões de malhadeiras e geram conflito entre os comunitários locais. Alguns entendem que tal atitude do IBAMA tem a ver com a preservação dos peixes, para que estes possam crescer e ganhar mais peso para ser então valorizado em relação ao preço. (Comunitário 4, Pesquisa de campo/2014).

Este episódio relatado pelo comunitário ocorre principalmente no período do defeso. De acordo com o Ministério do Turismo (2010) a época do defeso compreende o período de proibição da pesca das espécies protegidas, estabelecido principalmente durante as migrações reprodutivas (piracema). Em se tratando de pescarias de água doce, geralmente abrange os meses de novembro a fevereiro, podendo haver variações anuais, a depender das condições de nível da água de cada bacia hidrográfica. Algumas espécies que não realizam migrações de desova e são importantes para a pesca amadora, como os tucunarés, têm sua pesca liberada o ano todo, desde que se respeite a cota e o tamanho mínimo de captura.

Diante do exposto contribui com esta pesquisa a Matriz SWOT APA Nhamundá elaborada por Valente e Azevedo Filho (2011), uma vez que a pesquisa foi realizada na Comunidade do São José do Paraná do Espírito Santo de Cima, a qual é objeto de estudo do presente artigo. Nesta Matriz realizou-se um trabalho de levantamento das potencialidades do turismo na região, apresentando suas forças, fraquezas, oportunidades e ameaças para o desenvolvimento da atividade turística, como mostra tabela 01.

Tabela 01: Matriz SWOT – APA Nhamundá, AM

Forças	Fraquezas
• Pesca artesanal; • Pesca esportiva em algumas épocas; • Pesca do camarão; • Visita ao dormitório de pássaros; • Lagos; • Artesanato; • Festa do peixe Liso; • Criação de capivaras em parceria com o IBAMA.	• Falta de capacitação técnica dos comunitários para o turismo; • Estrutura da comunidade; • Preservação dos recursos naturais locais e adjacentes; • Segurança do turista; • Organizar uma frota de barco para levar o turista aos lagos; • Organização comunitária; • Alojamento; • Capacitação para a produção do alimento regional.
Oportunidades	Ameaças
• Elaboração e divulgação de projetos na região; • Construção de um Centro Social; • Palestras em parceria com os Órgãos Públicos e junto a Universidade; • Estruturação da comunidade com a construção de alojamentos; • Parcerias com Órgão públicos para estruturação da comunidade para receber turistas.	• Desmatamento; • Perda da identidade cultural; • Falta de planejamento; • Questões sociais (prostituição, violência, drogas); • Degradação da natureza; • Fragilidade dos ecossistemas

Fonte: Adaptado Valente e Azevedo Filho (2011)

Por meio desta Matriz, tem-se uma visão geral do panorama da comunidade em relação ao desenvolvimento do turismo na localidade. Ressaltando as potencialidades do local e mencionando

também um aspecto importante no desenvolvimento da atividade turística, a questão de realização de parcerias, esta que deve partir primeiramente da união dos comunitários e depois ser expandida aos demais agentes que possam ser envolvidos.

Sendo assim, percebeu-se durante a pesquisa de campo tanto a parceria e envolvimento familiar quanto comunitários na comunidade. Um dos itens necessários para o êxito da atividade, uma vez que segundo o Ministério do turismo (2010, p.44), “a comunidade deve estar sempre envolvida com a atividade turística para que se fortaleçam as relações com os turistas e a manutenção dos valores de identidade local e a conservação do ambiente.”

Essas parcerias realizadas entre os comunitários, fortalece o desenvolvimento do turismo de base comunitário, Pimentel (2010), Cruz (2008), e Coriolano (2003), criando assim uma relação de cooperação entre os mesmos, passando estes a serem os articuladores e os construtores da cadeia produtiva, onde a renda e o lucro ficam na comunidade e contribuem para melhorar a qualidade de vida local.

Durante a pesquisa, nota-se ainda a preocupação da população da comunidade no que concerne a proteger o ambiente sem a presença de lixo doméstico, como: sacolas no rio, isopor, garrafa pet e outros já se trabalha a preservação. Sendo desenvolvida ainda na localidade em parceria com o IBAMA, a preservação ambiental, pode-se citar como exemplo o Projeto Pé de Pincha. Segundo Diegues:

As comunidades de pescadores artesanais apresentam inúmeros exemplos de proteção e uso adequado dos recursos naturais e do meio ambiente que servem de lição não só à sociedade brasileira como um todo, como também aos movimentos ambientalistas. (1995, p.128).

A partir da discussão e da análise do potencial da comunidade do São José do Paraná do Espírito Santo de Cima, verifica-se o potencial existente na localidade em relação aos atrativos para o turismo de pesca, conservação da fauna e flora, e preservação cultural. No entanto, para que tal atividade seja desenvolvida na comunidade é necessária a estruturação e capacitação da mesma para

a recepção de turistas, pois estes elementos também compõem o atrativo turístico.

Corroborando com tal pensamento, Santos e Teixeira (2009, p.223) apud Costa (2013, p. 21) realizam a seguinte contribuição acerca do turismo, abordando que o turismo:

Constitui-se em uma oportunidade para o desenvolvimento sustentável à medida que potencializa as chamadas vocações regionais, promove a utilização de recursos naturais e culturais, dinamiza e integra setores da economia local e regional. Adicionalmente, os agentes empresariais promotores do turismo precisam estar articulados ao poder público, para que este se torne atraente não só pela qualidade da infra-estrutura que será oferecida, como pela capacitação das pessoas que operam nesse setor.

Uma vez atendidos estes e outros elementos necessários a prática do turismo, e assim realizar o turismo de pesca e a conservação do patrimônio natural e cultural com bases no desenvolvimento de base comunitária e sustentável. Como aponta Pimentel (2010, p. 239), contribui afirmando que:

O turismo de base comunitária, portanto, tende a ser aquele tipo de turismo que, em tese, favorece a coesão e o laço social e o sentido coletivo de vida em sociedade, e que por esta via, promove a qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento [...] representa, portanto, a interpretação “local” do turismo, frente às projeções de demandas e de cenários do grupo social do destino, tendo como pano de fundo a dinâmica do mundo globalizado, mas não as imposições da globalização.

Nesta forma de desenvolvimento é a comunidade quem assume o papel essencial de dar vida a atividades turísticas, fazendo disto seu meio de geração de renda, valorizar suas riquezas, e se ampliar-se socialmente. Cruz (2008, p. 136) discorre que:

Através do fortalecimento das comunidades, cria-se uma rede de cooperação que possibilita a negociação interna e externa, baseando as decisões no entorno econômico e institucional criado, e proporcionando às empresas locais condições favoráveis na busca de recursos, criação de serviços e redes de cooperação entre os atores, aumentando a competitividade entre os mercados nacionais e internacionais.

Considerações Finais

A região Amazônica, por sua biodiversidade, apresenta um grande potencial para o turismo, uma das formas de turismo a ser praticado é o turismo de pesca em comunidades da área rural. Assim o presente estudo buscou realizar uma pesquisa sobre o potencial existente na Comunidade do São José do Paraná do Espírito Santo de Cima para o turismo de pesca, juntamente com a conservação dos patrimônios natural e cultural.

Os resultados obtidos permitem concluir que, em relação a identificação e descrição das potencialidades da comunidade, a mesma apresenta o tipo de pesca de artesanal, para a subsistência dos comunitários. Além desta atividade, pratica-se também a agricultura.

Há por parte dos pescadores o conhecimento das espécies que os mesmos capturam, bem como os métodos de captura, o que favorece a atividade, além de se organizarem por meio de regras comunitárias, diminuindo de certa forma os conflitos, principalmente em relação às áreas de pesca e fiscalização. A pesca desempenha um papel fundamental na economia dos moradores da comunidade. Os lagos na sua maioria se concentram atrás da comunidade, a pesca naquela região estende-se por todo o ano, aumentando ou diminuindo de intensidade de acordo com a estação. No verão, os pescadores concentram-se nos lagos perenes.

O conhecimento, experiência e iniciativa da comunidade Ribeirinha, pode ser uma das alternativas para criação de área de remanejamento sustentável onde se aplicaria a pesca esportiva para a Comunidade e visitantes. Sendo uma alternativa de gerenciamento pesqueiro, haja vista que a localidade oferece um ambiente natural, bonito e lagos com diferentes espécies de peixes. Seria um ótimo fator para o engrandecimento e desenvolvimento do lugar, e ainda conservar o patrimônio natural e cultural do lugar.

Todavia para ser implantado um turismo de pesca seria preciso primeiramente fazer um planejamento envolvendo os poderes públicos, universidades e a comunidade para se ter um estudo

minucioso dos benefícios, como também dos impactos que tal atividade ocasionaria ao lugar. De modo a aproveitar para a prática da atividade turística e desenvolvimento local, o interesse dos comunitários, a riqueza e abundância de peixes nos lagos de várzea, os quais representam um importante recurso tanto econômico quanto de subsistência para as populações ribeirinhas.

Por fim, acredita-se que esse estudo possa contribuir com o esboço do potencial da comunidade para a prática do turismo, pesca esportiva, conservação do patrimônio natural, cultural, e o desenvolvimento da comunidade. Bem como sirva de base para demais estudos sobre a temática.

Referências Bibliográficas

ALBANO, C. J.; VASCONCELOS, E. C. Análise de casos de pesca esportiva no Brasil e propostas de gestão ambiental para o setor. *Revista Brasileira de Ciências Ambientais*. n. 28. p. 77-79, 2013. ISSN 1808-4524.

BARROCO, L. S. A.; FREITAS, C. E. C. A pesca esportiva na Amazônia: implicações para a sustentabilidade dos estoques pesqueiros e da atividade. *Scientia Amazonia*. v. 3, n. 2, p. 93-99, 2014.

BRASIL. Lei no 11.959, de 29 de junho de 2009.

BRASIL, Ministério do Turismo. Plano Nacional do Turismo 2007/2010. Brasília, Mtur, 2007.

BRASIL, Ministério do Turismo. Projeto de Inventário da Oferta Turística. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

BRASIL, Patrimônio mundial. Fundamentos para seu conhecimento – A convenção sobre proteção do patrimônio mundial. Cultural e natural, de 1972: para saber o essencial. Brasília, DF: Iphan, 2008.

BRASIL. Destinos de Referência em Turismo de Pesca Barcelos – AM. Instituto Casa Brasil de Cultura. Goiânia, 2010.

BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo de Pesca: orientações básicas. Ministério do Turismo,

Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. 2.ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRASIL, Ministério do Turismo. Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

CORIOLOANO, L. N. M. T. Os limites do desenvolvimento e do turismo. In: CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. O Turismo de inclusão e o desenvolvimento local. Fortaleza: FUNECE, 2003. p. 13-27.

COSTA, C. O. O turismo em Parintins e seus entraves mercadológicos sob a ótica do setor de hospedagem.Parintins: UEA, 2011.

CRUZ, R. C. A.. Introdução à geografia do turismo. 2ª ed. São Paulo: Roca, 2003.

DIAS, R.Turismo e Patrimônio Cultural - recursos que acompanham o crescimento das cidades. São Paulo: Saraiva, 2006.

_____; CASSAR, Maurício. Fundamentos do marketing turístico. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

DIÉGUES, A. C. S. Povos e Mares: leituras em sócio-antropologia marítima. SãoPaulo: USP/ NUPAUB, 1995.

FRAXE, Therezinha J. P. Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas – São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000.

FURTADO, L. G; LEITÃO, W & Mello, A. F. (orgs). 1993. Povos das águas: realidades e perspectivas na Amazônia. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi.(Coleção Eduardo Galvão).Características Gerais e Problemas da Pesca Amazônica no Pará. Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, nova série Antropologia. Belém, 1990.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KUNZ, J. G.O turismo como indutor de desenvolvimento: revisitando as dimensões ambiental,

econômica e sociocultural. Turismo & Sociedade. Curitiba, v. 5, n.1, p. 144-163, abril de 2012.

LABES, E. M. Questionário: do planejamento a aplicação na pesquisa. Chapecó: Grifos, 1998.

MINAYO, M. C. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: _____. (Org.) Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 09-30.

PIMENTEL, A. B. Dádiva e hospitalidade no sistema de hospedagem domiciliar. In: BARTHOLO, R.; BURSZTYN, I.; SANSOLO, D. G. (Org.). Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2010, p. 216-239.

PORTUGUEZ, A. P. Turismo, memória e patrimônio cultural. São Paulo: Roca, 2004.

RUSCHMANN, D. “O turismo na atualidade”. Turismo e Planejamento Sustentável. A proteção do meio ambiente. 12 ed. Campinas: Papyrus, 2005. pp.13-82.

SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. Turismo de base comunitária potencialidade no espaço rural brasileiro. In: Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. – Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

SCHLÜTER, R. G. Metodologia da pesquisa em turismo e hotelaria. Tradução Tereza Jardini. São Paulo: Aleph, 2003. (Série Turismo)

VALENTE, I. F.; AZEVEDO FILHO, J. D. M. Levantamento das potencialidades turísticas na Região do Paraná do Espírito Santo, APA Nhamundá, Amazonas. Marupiara. n. 5, 2011.